

PAINEL DE CONJUNTURA
MACROECONÔMICA

17

40^a edição

PAINEL DE CONJUNTURA MACROECONÔMICA

SETEMBRO

Semana 4

17

ECONOMIA PARANAENSE

Apontamentos sobre crise e reação da economia paranaense – Parte I

04

MERCADO DE TRABALHO

Paraná em Agosto de 2017 com saldo positivo geração de saldo de empregos.

10

CONFIANÇA

Indústria supera a média histórica da CNI.

07

TECNOLOGIA

I9now Renault.

11

IPCA

Expectativas não param de cair.

08



www.isaebrazil.com.br

Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2017	2018
PIB (% do crescimento)	0,68	2,30
Produção Industrial (% do crescimento)	1,05	2,40
Inflação - IPCA (%)	2,97	4,08
SELIC	7,00	7,00
Divida Líquida do Setor Público (% do PIB)	52,15	55,65
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,16	3,30
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	62,00	50,00
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	75,00	77,50



AGENDA DA SEMANA

25/09

Relatório Focus (Bacen)
Balança Comercial (MDIC)
Nota de Mercado Aberto - Agosto-2017- (Bacen)

26/09

Nota do Setor Externo - Agosto-2017- (Bacen)

27/09

IPC (Fipe) - 3ª quadrissemana Setembro-2017 (FIPE)
IPP - Indústria de Transformação - Agosto-2017- (IBGE)
Nota de Política Monetária e Operações de Crédito - Agosto-2017 - (Bacen)
Fluxo Cambial - Semanal (Bacen)

28/09

Resultado primário do Governo Central - Agosto-2017 (Bacen)
IGP-M - 3ª prévia - Setembro-2017 - (FGV)

29/09

PNAD - Contínua - Agosto-2017 - (IBGE)
Nota de Política Fiscal - Agosto-2017 - (Bacen)

Economia Paranaense

Apontamentos sobre crise e reação da economia Paranaense – Parte I

Wilhelm Milward Meiners*



Foto: Rádio Jornal São Miguel

Segundo análise do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos –CODACE/FGV, o Brasil ingressou no atual ciclo recessivo no 2º trimestre de 2014, após um período de crescimento de vinte trimestres consecutivos. Ainda não se tem clareza, no cenário nacional, de saída estrutural do Brasil do ciclo recessivo, ainda que os indicadores antecedentes e conjunturais apontem para uma reação da economia neste ano, dado o crescimento do PIB, em relação ao trimestre anterior, nos dois primeiros trimestres.

A perspectiva é que, em função do forte crescimento do agronegócio, puxado por uma excepcional safra agrícola, da contínua redução da taxa de juros básica e da expansão da demanda externa, diante de um câmbio melhor ajustado para aproveitar as novas oportunidades do comércio mundial, a economia brasileira possa ter um pequeno crescimento, entre 0,5 e 1,0% em 2017, e ajustar uma taxa de crescimento superior a 2,5% em 2018. Uma brisa de ar fresco depois de dois anos consecutivos de quedas superiores



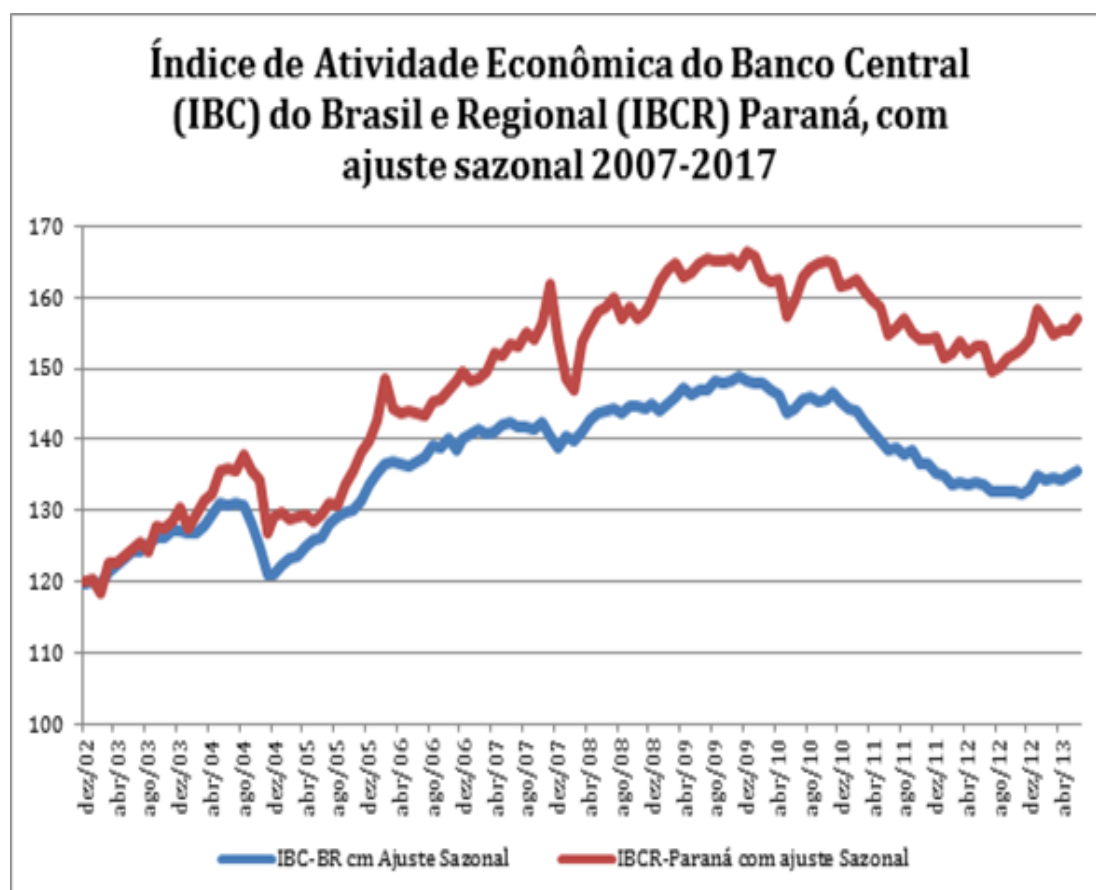
a 3,5% no PIB.

Mesmo assim, a economia ainda está longe de uma estação mais refrescante, depois de tanto período de seca. Ainda que os mercados financeiros estejam movimentados e precificando em alta a recuperação da economia brasileira, reposicionando o preço de ativos, as bases mais sólidas da recuperação brasileira e retomada do crescimento vão depender do cenário eleitoral resultante das eleições de 2018. Como os mercados financeiros vivem de ganhos especulativos, esperam-se grandes emoções no ano eleitoral, com os institutos de pesquisa de intenções de voto parametrizando os índices na bolsa de valores.

Mas como a economia paranaense está reagindo? Quais são os parâmetros de retomada de nossa região que são distintos do observado na economia brasileira? Este artigo é o primeiro de uma série que irá investigar os indicadores e parâmetros econômicos regionais neste momento de inflexão.

Como não se dispõe de informações regulares do PIB Trimestral da economia paranaense, utilizaremos para avaliar o desempenho geral da economia os dados do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) calculados, desde 2003, para diferentes regiões do país (IBCR), entre os quais destacamos as informações para o Paraná.

Conforme pode ser percebido no gráfico abaixo, que focaliza os últimos 10 anos, fica evidenciado o ciclo de crescimento da economia brasileira e paranaense entre meados de 2009 e o início de 2014, período que marcou um descolamento no ritmo de expansão entre o Paraná e o Brasil.



Fonte: Banco Central do Brasil, Séries Temporais

Nessa fase de ciclo de expansão, o Paraná observou uma taxa de crescimento anualizado da atividade econômica média de 4,4%, enquanto no Brasil a média ficou em 2,8%. O pico do IBC-Brasil e IBCR-Paraná



foi marcado no início de 2014, quando atingiu 147,99 pontos para o Brasil, em março/2014, e 166,68 pontos para o Paraná, em janeiro/2014. A partir deste período, foi observada uma fase de ciclo recessivo, com contração contínua até o dezembro de 2016. Nessa fase recessiva, o país observou uma contração anualizada média de 2,5%, com uma queda de 10,1% na sua atividade econômica. Na mesma fase recessiva, o Paraná observou uma contração anualizada média de 1,7%, com queda de atividade econômica de 8,6%. No ciclo de expansão o Paraná teve um desempenho superior e ciclo de recessão. A queda foi crítica, mas menos íngreme do que no restante do país.

A diferença é ainda mais notável na atual fase de reação. O Paraná, de acordo com o IBCR, iniciou sua reação ainda em setembro de 2016, e até julho de 2017 já observou um crescimento na sua atividade econômica de 5%, enquanto que o Brasil, que começou sua recuperação somente no início de 2017, cresceu, em sete meses de reação, cerca de 2%. O gráfico, em seu último trecho, dá conta de sinalizar que o Paraná sai antes e com maior força na sua reação econômica, enquanto o Brasil, mais abalado pelos parâmetros de endividamento e finanças públicas (da União e estados chaves como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul), além da retomada lenta em alguns setores industriais, revela uma capacidade de reação mais modesta.

Ainda que o ritmo de reação da economia brasileira e os condicionantes macroeconômicos nacionais, como taxa de juros, taxa de câmbio, inflação, salário, preços administrados, além do macroambiente definido pelas negociações internacionais e os condicionantes políticos e jurídicos, formem o cenário que limita ou possibilita maior crescimento regional, o que se observa é que o Paraná obtém bons resultados econômicos impulsionados por sua estrutura produtiva mais diversificada, dinâmica e competitiva.

No próximo número vamos destacar os elementos dessa estrutura produtiva estadual que revelam esta dinâmica um pouco mais favorável para a retomada.

***Wilhelm Milward Meiners** é Professor e Pesquisador do Estúdio de Economia da PUCPR e colaborador do Comitê Macroeconômico do ISAE/FGV.



Confiança

Indústria supera a média histórica da CNI

Christian Frederico da Cunha Bundt*

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou os resultados da pesquisa sobre confiança da indústria para setembro de 2017. Marcou 55,7 pontos, 3,1 pontos a mais que agosto, alcançando o melhor resultado desde 2013, conforme descrito no gráfico:



Fonte: CNI, ilustração ISAE.

Na comparação anual, o ICEI apresenta crescimento de 2 pontos (setembro de 2016). Outro fato interessante é que o ICEI de setembro superou a sua média histórica de 54 pontos. Dos componentes do ICEI (condições atuais e expectativas para a economia), ambos apresentaram crescimento de agosto para setembro.

Outro indicador que mede a confiança do empresário da indústria é o Índice de Confiança da Indústria (ICI), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que em sua prévia de setembro aponta alta moderada. A prévia aponta crescimento de 0,1 ponto em relação ao número final de agosto, para 92,3 pontos. Sobre os componentes do ICI, merece destaque o Índice da Situação Atual (ISA), que cairia 0,4 ponto (para 89,6 pontos), e o Índice de Expectativas (IE), que aumentaria 0,7 ponto (para 95,1 pontos). A prévia do ICI trouxe uma informação importante sobre o uso da capacidade instalada das indústrias: apesar do crescimento da confiança, o nível de utilização da capacidade instalada cairia 0,1%. Ou seja, a confiança ainda não se traduziria em maior produção.



Vale cruzar essa informação com o que o Relatório Focus do Banco Central (BCB) mostrou nesta semana, com redução da perspectiva para a produção industrial em 2017 e 2018, que teriam crescimento de 1,05% e 2,40% respectivamente. Ao mesmo tempo em que o Focus mostra queda na expectativa para produção industrial, também aponta crescimento do PIB. Sob esta ótica, parece que os setores protagonistas do crescimento do PIB em 2017 serão, em ordem, o Agronegócio e o de serviços.

No outro lado da moeda, está a perspectiva do consumidor. Segundo a FGV, que divulgou seu Índice de Confiança do Consumidor (ICC), o número de setembro de 2017 subiu 1,4 ponto em relação a agosto de 2017, atingindo 82,3 pontos. A alta interrompe a sequência de três quedas consecutivas após a crise política de maio. Para Viviane Seda Bittencourt, Coordenadora da Sondagem do Consumidor, "o resultado parece estar relacionado a uma ligeira melhora na percepção sobre o mercado de trabalho e no gradual afastamento do risco de crise política.

Isso, no entanto, não parece ter sido suficiente para alterar o perfil ainda cauteloso do consumidor". Os componentes do ICC (satisfação dos consumidores com a situação atual e suas expectativas para o futuro) variaram 0,2 ponto (de 70,7 para 70,9 pontos) e 2,2 pontos (de 88,9 para 91,1) respectivamente. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) não divulgou seus índices de confiança do empresário do comércio para setembro, mas apresentou a pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) para setembro de 2017, que alcançou 76,8 pontos, em uma escala de 0 a 200, leve queda de 0,7% na comparação com agosto. Em relação ao mesmo período do ano passado, houve aumento de 6,4%. Para Juliana Serapio, assessora econômica da CNC, "com o fim do efeito dos saques das contas inativas do FGTS sobre as vendas, a tendência de crescimento do consumo nos próximos meses dependerá da resposta do mercado de trabalho e da retomada dos investimentos".

Tão importante quanto os aumentos de confiança registrados no mês atual é a manutenção/ retomada da trajetória ascendente, de forma a garantir que o grau de confiança dos empresários e dos consumidores seja suficientemente alto para reativar o investimento e o consumo. Sem investimento, a economia brasileira não estará preparada para voltar a crescer em ritmo mais elevado nos próximos anos.

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, alumni do Programa CFO Strategic ISAE|IBEF, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*

IPCA

Expectativas não param de cair

Patrick Silva*

Segundo as expectativas do IPCA divulgadas no último Relatório Focus para 2017, a projeção saiu de 3,08% para 2,97%, se estabelecendo abaixo da banda inferior de 3% da meta de inflação para o ano. Já para 2018, a projeção caiu de 4,12% para 4,08%, também abaixo do centro da meta de 4,5%, mas



ainda dentro dos limites estabelecidos. Na mesma direção do mercado, mas de forma um pouco mais forte, as Top 5 (entidades que mais se aproximam das projeções), esperam 2,88% para 2017 e 3,75% para 2018.

	2017				2018			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	3,45	3,08	2,97	▼ (5)	4,20	4,12	4,08	▼ (4)
Top 5	3,45	3,00	2,88	▼ (5)	4,20	3,94	3,75	▼ (3)

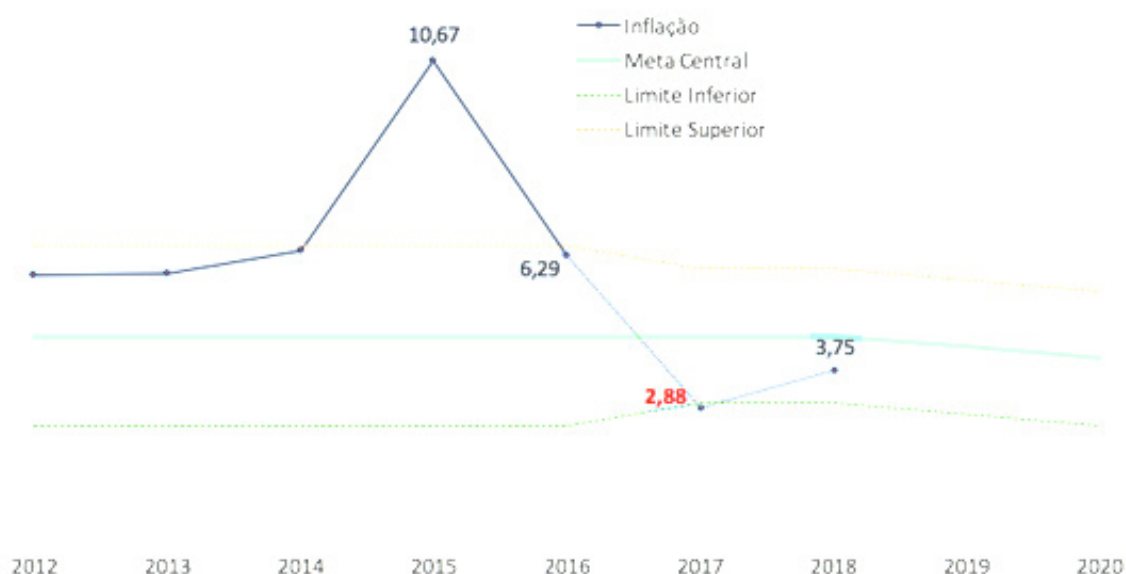
Fonte: Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE/FGV.

O Bacen provavelmente terá que enviar a carta ao CMN. Do ponto de vista da atividade do Bacen, obter a inflação baixa é uma vitória, mesmo com a atividade baixa. Os resultados da política monetária expansionista (baixa dos juros), já começaram a surtir algum efeito. Basta observarmos os indicadores de confiança e de expectativa de investimento direto.

Faltando praticamente três meses para o fim do ano, o Banco Central do Brasil se preocupa com a política monetária adequada para garantir a retomada da atividade econômica, através dos juros. A inflação acaba sendo um balizador da expansão/ou retração da política monetária, e acaba balizando o BACEN nas decisões sobre se há ainda espaço para baixar mais os juros, buscando trazer o IPCA para dentro da meta estabelecida pelo CMN.

A expectativa é um dos itens mais influentes do modelo, e deve seguir jogando as projeções do BACEN para baixo. Tendo isso em conta, é possível que a Selic possa vir a sofrer queda mais acentuada do que foi sinalizada pelo BACEN no último relatório de inflação.

Expectativas e metas de inflação



Fonte: Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE/FGV.

***Patrick Silva** é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e aluno do Programa CFO Strategic ISAE|IBEF



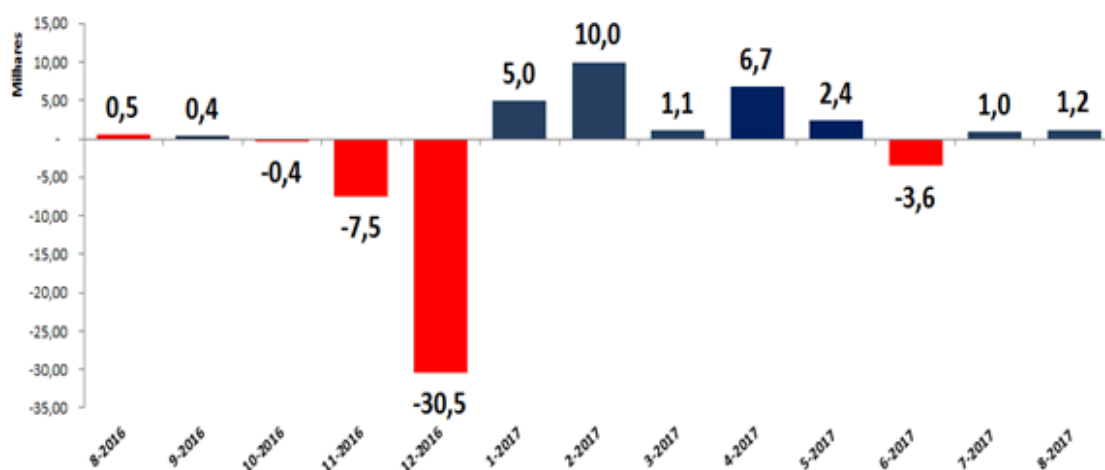
Mercado de Trabalho

Paraná em Agosto de 2017 com saldo positivo na geração de empregos formais.

Jefferson Marcondes Ferreira *

De acordo com os números divulgados pelo CAGED no último dia 22 de setembro de 2017, o estado do Paraná terminou o mês de Agosto 2017 com saldo positivo na geração de empregos formais, num total de 1.180 vagas. No ano, o estado ocupa a 6ª colocação no ranking nacional de geração de empregos formais, com um saldo de 25.270 vagas, ficando atrás apenas de São Paulo com 108 mil, Minas Gerais com 60 mil, Goiás com 48 mil, Mato Grosso e Santa Catarina com 29 mil. A sequência de saldos positivos em 2017 na geração de empregos formais indica que a atividade econômica no estado está com sinais de recuperação, conforme gráfico a seguir:

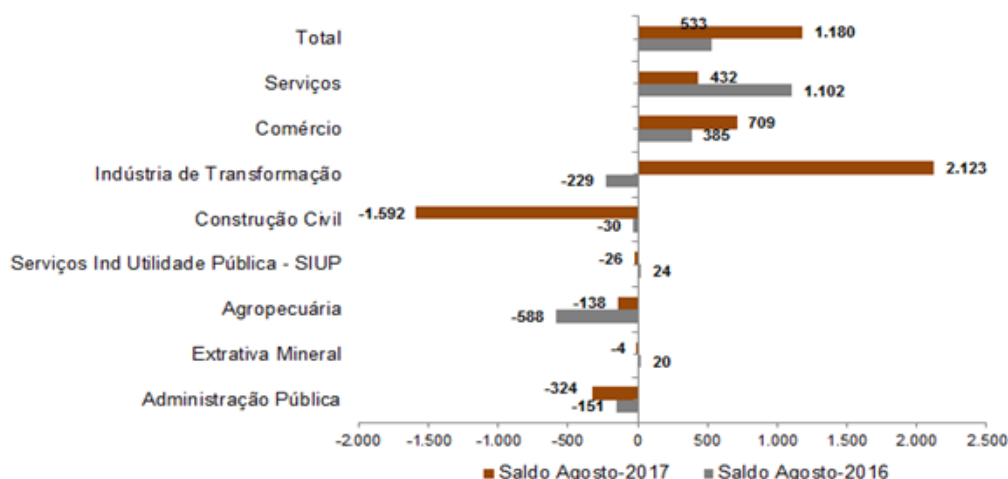
Evolução do saldo de emprego no Paraná.



Fonte: Caged

Com relação aos setores de atividades econômica, a comparação com agosto de 2016 mostra que o saldo positivo se deve ao setor da indústria de transformação, que terminou o mês com um saldo positivo de 2.123 vagas contra um saldo negativo de no mesmo período do ano anterior de (229) vagas, com destaque para a indústria têxtil, indústria de material de transporte e mecânica, conforme gráfico a seguir.

Saldo Vagas Paraná (Ago-2017/ Ago-2016)



Fonte: Caged



Também se destacam o setor de comércio, que terminou com saldo de 709 vagas (sobressaindo-se nesse setor o Varejista), e o setor de serviços, que terminou o mês com um saldo de 432 vagas. Contrapondo os saldos positivos na geração de empregos formais, o setor de construção civil terminou o mês com um saldo negativo de (1.592) vagas e a administração pública com o saldo de (323) vagas.

**Jefferson Marcondes Ferreira é Economista, Especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.*

Tecnologia

I9now Renault

Christian Geronasso *

Em sua segunda edição, o evento I9now organizado pela sede de São José dos Pinhais da empresa Renault tem cumprido seu objetivo de disseminar novas tecnologias e ao mesmo tempo estimular o ambiente inovador e fortalecer o relacionamento com seus parceiros. O evento deste ano ocorreu de 19 a 21 de setembro e contou com as principais empresas do setor de tecnologia, como SAP, IBM, T-Systems e Amazon, as quais foram expositoras com estandes em frente à sede administrativa da Renault para visita dos seus colaboradores. Maiores informações sobre o evento podem ser encontradas no link: <http://i9now.renault.com.br>.

A Renault tem sido referência na transformação digital através da realização de testbeds, utilizando novas tecnologias como impressoras 3d, drones e realidade aumentada com aplicações industriais práticas. Quando um terreno ainda não conhecido começa a ganhar consistência isso é resultado de visão e resiliência, características que devem fazer parte dos CIOs inovadores como Angelo Figaro, da Renault, e Nicolas Simone, do Grupo Boticário. Ambos participaram de um painel no último dia do evento, com o objetivo de debater a importância da Inovação e da Transformação Digital como ferramenta chave para as empresas se manterem competitivas no mercado atual. O painel foi mediado por Sílvia Bassi, diretora editorial das publicações da IDG no Brasil (IDGNow!, CIO, Computerworld, PCWorld e Macworld Brasil). Também participaram Adriana Aroulho, vice-presidente de vendas da SAP e Fernando Teixeira, Head de Advertising Cloud da Adobe do Brasil.

Nicolas Simone descreveu como foi o caminho percorrido pelo Grupo Boticário para inserir a transformação digital no dia-a-dia da empresa, através da adoção da TI Bimodal, estratégia fortalecida pela construção de um laboratório de inovação denominado Botilabs. Essas ações converteram a TI de “tiradora de pedido” para uma TI provocativa, que desafia as áreas de negócio a inovarem. Essa visão foi corroborada por Angelo Fígaro, que classifica as novas equipes de TI como Business Advisor, atuando em conjunto com as equipes de negócio para agregar inovação no cotidiano. De acordo com Nicolas, os três principais pontos para criar uma cultura de inovação são:



- Transformar a área de TI em uma área de relacionamento, que não fala bite e byte e sim domina linguagens das áreas de negócio.
- Sponsorship, os níveis hierárquicos mais altos da empresa devem suportar a estratégia.
- Criar um ambiente inovador, como os exemplos da Renault e o I9now e do Grupo Boticário com o Botilabs, laboratórios de inovação que objetivam estimular a solução de problemas com projetos curtos (60 - 90 dias). As empresas não têm mais espaço para projetos de 2 a 3 anos.

Esses são alguns dos líderes mais inovadores do Brasil no segmento de tecnologia que estão se sobressaindo na transformação digital. Tanto a Renault como o Boticário começaram com iniciativas de baixo investimento, com poucos colaboradores. Fica a dica para empresas que desejam aprender com o modelo desenvolvido, sendo possível aplicá-lo e melhorá-lo.

Grupo Boticário Reforça Uso De Dados E Cria Gôndola Inteligente

<http://bit.ly/2xyd3iF>

TI da Renault vira motor de transformação e dá prêmio a Angelo Fígaro Egído

<http://bit.ly/2xxeH3S>

** **Christian Geronasso** é consultor especialista em geração de valor e inovação, com mais de 10 anos de experiência em diversos segmentos empresariais. Atua em uma das maiores consultorias do Brasil com histórico em grandes clientes como Grupo Randon, Renault, Andritz, Embraco, entre outros. Responsável pela coluna de Inovação & Tecnologia no Boletim Macroeconômico do ISAE FGV.*



PAINEL DE CONJUNTURA MACROECONÔMICA

17

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Adriano Bazzo
Christian Geronasso
Christian Bundt
Luciano de Zotti
Jefferson Marcondes
Patrick Silva

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande